

## A ECOSOFIA E AS MICROPOLÍTICAS EM ARTES

ANA CLAUDIA SAFONS SOARES<sup>1</sup>;  
CLAUDIO TAROUCO DE AZEVEDO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [acsafons@hotmail.com](mailto:acsafons@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [claudiohifi@yahoo.com.br](mailto:claudiohifi@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge através do estudo, como aluna especial do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, na disciplina “Poéticas audiovisuais: dispositivos ecosóficos para a produção e o ensino da arte”, na qual o principal referencial trabalhado é Felix Guattari (2015). Ele, assim como eu, manifesta sua indignação perante um mundo que se deteriora lentamente. E esta deterioração não se dá somente no nível do planeta, mas também nos aspectos mental e social. Em relação à dimensão mental, existe a possibilidade de uma nova singularidade, um novo jeito de olhar o mundo e a si mesmo. Esta perspectiva é de suma importância no atual momento político/social/econômico que vivemos. A mídia de massa, de forma desenfreada e desavergonhada, mascara a realidade. Nossas crianças e adolescentes vêm sendo formados como instrumentos de manobra para que a situação de desagregação política e social se perpetue, enfatizando uma educação que estimule a produção de uma padronização da subjetividade.

É inegável a potencialidade da Arte em sua interação com os aspectos econômicos, políticos e culturais. Ao operarmos com o conceito de Ecosofia de Guattari, configuramos uma articulação ético-política entre os registros ambiental, social e mental (da subjetividade humana). Busca-se a instauração de novos modos de valoração da vida em uma perspectiva experimental e ecosófica, voltada para a criação de modos de agir, de sentir, de pensar, de relacionar-se. O autor enuncia o Capitalismo Mundial Integrado – CMI, mecanismo propulsor de subjetividades capitalísticas, seriadas, modelizadas, do mesmo modo que se fabricam bens materiais. Assim, máquinas produtoras de subjetividades capitalísticas, como a escola, se encarregariam de modelar as subjetividades em favor do fortalecimento econômico de grandes potências mundiais (GUATTARI; ROLNIK, 2012).

Partindo da premissa de que o corpo não é passivo, algo que não é meramente descartável, que sente e produz sensações e que revela uma subjetividade profundamente afetada pela globalização, surge o tema da pesquisa: utilizar a Ecosofia como Micropolítica nas Artes para ativar a ressingularização dos sujeitos. Ela reflete esta articulação da subjetividade, indo além da produção, pois interfere na realidade, podendo transformar objetivamente e subjetivamente a vida e os modos de fazer dos indivíduos. A história da relação entre Arte e política se faz desde o início da civilização. A arte sempre foi política, como vimos ao estudar sua história: comprometimento com a religião, com o retratar governos, ao trabalhar com propagandas a pedido de muitos Estados, ao construir uma identidade nacional. Muitos artistas estiveram pintando ou esculpindo a serviço de reis, criando as imagens das cortes nos séculos XVII, XVIII ou de manifestações populares, como por exemplo: “Retrato de Philip IV” (1628), de Diego Velazquez, “A Primeira Missa no Brasil” (1861), de Victor Meirelles.



Figura 1: Filipe IV, c.1628, óleo sobre tela, 57 cm x 44 cm.  
Diego Velázquez, Museu do Prado, Madri.

Figura 2: Primeira Missa no Brasil, 1860, óleo sobre tela, 268.00 cm x 356.00 cm.  
Victor Meirelles, Museu Nacional de Belas Artes (MNBA).

Estamos em um período em que tudo se transforma em imagem, sejam elas impressas, digitais ou virtuais. Cabe a reflexão sobre o que as redes sociais produzem e o que reproduzem na mídia; se serão estas imagens produzidas, um reflexo de quem somos; se somente nossos rostos/corpos podem nos representar satisfatoriamente ou se são simplesmente imagens formadas por um imaginário coletivo falso, que nos vende a ideia de que nas redes sociais só existem pessoas belas e felizes. Mas que imagens são essas que chegam à nossa retina? Seriam imagens postas com a finalidade de fazer com que reproduzamos os mesmos modelos de comportamento, de formação do indivíduo, fazendo com que nossa subjetividade seja modificada?

A partir disso, por meio da arte podemos promover uma importante discussão sobre o que pretende essa padronização de reprodução de modelos comportamentais, educacionais, de valoração, dentro e fora do contexto escolar. Através da disciplina “Poéticas audiovisuais” foi desenvolvido, a partir das discussões realizadas, um vídeo experimental como proposta de intervenção micropolítica. No processo de criação do vídeo intitulado “Volátil+idade”, surgiram reflexões sobre a importância da arte na produção de novas subjetividades na contramão dos sistemas totalitários na arte, na política, na vida.

Jacques Ranciere (2012) também reafirma a arte como espaço de criar novas formas de pensar, fazendo uma reflexão sobre as imagens que nos cercam, analisando os modos de circulação dessas imagens. Muito mais que mera (re)produção de um cotidiano, as imagens produzidas nos fornecem elementos intrínsecos de análise de sintomas sociais, políticos e culturais. Partindo da ideia de que a Arte é uma linguagem, com domínio próprio, com uma poética expressiva, o conceito de micropolítica tem sido utilizado com frequência para propor discussões relacionadas a essas questões do cotidiano, como fome, educação, corrupção, impunidade, ecologia, formação cultural e identitária e demais assuntos que permeiam a contemporaneidade, como forma de sensibilizar e despertar os sujeitos. Frente a isso, a arte contemporânea aproxima a vida, articula a estética como reflexão, a partir da plasticidade estimula sentidos, amplia olhares, aborda também direitos humanos, como na obra de Donald Rodney. Em sua obra “Na casa de meu pai” (1996-7), o artista usa pedaços de sua própria pele para construir uma obra que toca em questões principalmente sobre o preconceito contra imigrantes negros em países europeus por meio de uma obra profundamente atrelada à sua biografia.

A micropolítica se encaixa perfeitamente para tal objetivo, procurando fazer com que o espectador, hoje saturado da macro política, possa enxergar as questões que lhe afetam. O combate se faz por meio de um fazer artístico que

implica na relação com o Estado e a reflexão sobre as questões cotidianas por ele afetadas.

Outros artistas também utilizam a micropolítica para ampliar a discussão sobre questões que lhes afetam. Não com o intuito ideológico, mas pensando em transformar/sensibilizar as pessoas. Entre tantos, Cildo Meireles com sua obra “Como construir catedrais”.



Figura 3: Missões, aproximadamente 600.000 moedas, 800 hóstias, 2000 ossos, 80 pedras de pavimento e tecido negro. 235 x 600 x 600 cm.  
Cildo Meireles, 1987.

O aprendizado passa pelas questões do olhar, do ver, do experimentar, pois, muitas vezes, promove estranhamentos, deslocamentos, reterritorializações, ressignificações. Tudo isso altera a percepção do sujeito. Como Larrosa(2002), a ideia de experiência implica um voltar-se para si mesmo e mover-se por tais acontecimentos e experimentos. Experiência é o que nos passa, o que nos acontece. A Ecosofia também propõe uma articulação ética, política e estética como uma alternativa de enfrentamento para a crise contemporânea. A ética pensada pela escolha de outro modo de existência, a política com uma atitude frente à vida e a estética com modos de intervenção e reinvenção diante da vida. Isso implica em um voltar-se para si mesmo, para o mundo que o cerca, promovendo novas ressignificações, alterando a percepção, criando novas experiências.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho utilizada foi o método cartográfico por entender ser o mais adequado ao tipo de investigação. Enquanto o método científico tradicional pressupõe um destino (objetivo) e um caminho dado (metodologia), a cartografia propõe construir uma narrativa que só se conhecerá ao percorrer um caminho ainda desconhecido:

Para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa – o hodós-metá da pesquisa. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, In: PASSOS *et al.*, 2009, p.13).

Como cartográfico foi o modo de criação do vídeo, eis que trouxe a tona toda uma história de vida, familiar e política. O vídeo foi proposto como forma a não deixar cair no esquecimento uma história recente de nosso país, fazendo com que mecanismos ativadores da memória fossem despertados em cada indivíduo

que o assistia ou simplesmente, por ali transitava. O vídeo foi exibido na parte externa do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo – MALG, na cidade de Pelotas, de forma coletiva, aonde cada um dos alunos da referida disciplina trouxeram suas percepções individuais de dispositivo ecosófico de compartilhamento.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O impacto da ação proposta junto ao MALG proporcionou, a todos os envolvidos, uma nova experiência na forma de enxergar o mundo. Um novo olhar sobre as imagens apresentadas foi instigado de maneira dinâmica através das imagens e de sua sonoridade, fazendo com que todo transeunte que por ali passava fosse acionado a perceber o que ali se apresentava, havendo uma possibilidade de transformação. O vídeo criado pode ser acessado no link <https://www.youtube.com/watch?v=QNqC0Diw4ns&feature=youtu.be>



Figuras 4 e 5: Mostra Paisagens Ecosóficas (2018), dispositivos de Compartilhamento Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

### 4. CONCLUSÕES

Assim como a arte, a imagem, também como uma palavra muda, possui significado que pode ir além do que se vê. Estas imagens que produzimos também possuem uma palavra muda. Mas seu mutismo nos revela lugares, nos revela percepções, nos revela saberes. Nos torna ser o que somos, transformando o mundo em que vivemos.

O desdobramento desta ação micropolítica, como o vídeo criado, tem um potencial de promover o ensino da arte nas escolas como proposta audiovisual. Utilizando mecanismos simples, como o realizado, despertando a micropolítica nos processos de ensino de artes. E esse desenrolar da proposta em sala de aula, surge como uma reverberação da ação na disciplina para a continuidade de minha proposta de pesquisa e ação micropolítica.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 2015.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely... **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, jan/fev/mar/abr, 2002.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.
- RANCIERE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora WMP Martins Fontes, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O Mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**: Authentica Editora, 2015.